

## OS MICÊNIOS EM CHIPRE: COLONIZAÇÃO AQUÉIA OU TRANSAÇÕES COMERCIAIS?

Ana Claudia Torralvo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo

---

**RESUMO:** *Este artigo mostra a situação de uma antiga discussão entre os estudiosos da ilha de Chipre: a fundação ou não de colônias micênicas na ilha. Além de descrever a posição das linhas de opinião mostra os dados que podem ou não favorecer essas linhas. Tentaremos então esclarecer um pouco uma discussão antiga e que a cada dia, a cada campanha de escavação, vai tomando outros caminhos.*

---

**PALAVRAS-CHAVE:** *Arqueologia de Chipre, Relações Comerciais, Colonização, Expansão Micênica*

---

A questão da colonização ou não da ilha de Chipre pelos micênios há muito exalta os ânimos dos pesquisadores, sendo um tema recorrente em todos os trabalhos que abrangem o período e um ponto de discórdia entre os estudiosos. Não pretendo, neste artigo, chegar a tomar um partido nesta discussão, ou mesmo dar respostas às questões inquietantes, tentarei mostrar o estado atual da discussão e explicar em que bases cada linha fundamenta sua opinião. Em grande parte, quando se discute qualquer tema cipriota, depara-se com uma série de dificuldades. A posição geográfica estratégica da ilha, representando uma ponte entre o Mediterrâneo Oriental e Ocidental, terminou por transformá-la num caminho pelo qual passava, senão todo, grande parte do comércio marítimo da região. Dessa forma, a ilha manteve contatos tanto com as culturas ocidentais como orientais (Figura 1). Apesar de tantas influências agindo num, mesmo ponto, a cultura local, já cristalizada desde a Idade do Bronze Antigo, resistiu a esses contatos trazendo para si aquilo que lhe interessava, desenvolvendo-se de forma particular e independente (Gjerstad, 1926).

Os micênios, nesse contexto, tinham um interesse muito grande no comércio com o Levante. Devemos lembrar aqui que os micênios são os herdeiros e sucessores dos minóicos que mantinham relações comerciais com Chipre desde a Idade do Bronze Médio, e cujo poder foi abalado no final do segundo período palacial ou Idade do Bronze Recente, e ao que tudo indica, foram dominados pelos micênios. Outro fator que mostra tal interesse dos micênios pelo Levante são as colônias e entrepostos micênicos estabelecidos nas Cíclades e no Dodecaneso como em Rodes e Khios, por exemplo (Desborough, 1964).

Atualmente são apresentadas duas linhas antagônicas de interpretação: obviamente uma a favor e outra contrária à colonização aquéia da ilha de Chipre. A corrente mais tradicional de estudiosos é contrária à idéia de colonização embasando sua tese no fato de existirem poucos traços da cultura micênica na ilha:

ausência de túmulos de tipo micênico, de edifícios com *mégaron* (núcleo palacial micênico) e mesmo habitações (Karageorghis, 1984, p.20). A corrente favorável acha fraca a argumentação e afirma que o principal erro reside na forma de entendimento do termo "colonização". (Hooker, 1976, p. 113-114)

Toda discussão é baseada num tipo de material, a cerâmica. Devemos ressaltar que na primeira metade desse século muito pouco havia que comprovasse ou não a presença aquéia em Chipre. A partir da década de 50 houve um incremento nas escavações e um maior interesse pela Idade do Bronze em geral; tal interesse levou, além da costa Norte e Leste já bem conhecidas, a escavações por toda a ilha trazendo à luz grande quantidade de material. Esse renascimento da arqueologia cipriota resolveu o primeiro e mais grave problema: a cronologia da ilha. Esse novo interesse pela Idade do Bronze é fundamental, no caso de Chipre, pois essa ilha só pode ser entendida no contexto mais amplo do Mediterrâneo. Para entendermos Chipre temos que considerar todo o raio de seu alcance: Palestina, Síria, Anatólia, Egito, Creta e a Grécia insular e continental.

Historicamente o que se nos apresenta é que o século XIII a.C. foi um período muito tumultuado no Egeu e ao longo da costa oeste da Anatólia. Os centros micênicos do Peloponeso e Tróia VIIa na Anatólia foram destruídos. As fontes egípcias nos contam que, nesse período, grupos de aventureiros perambulavam pela costa leste do Mediterrâneo. Esses grupos, conhecidos pelo egípcios como "Povos do Mar", podem ter sido responsáveis pela fundação de alguns assentamentos em Chipre em 1230 a.C.. Por volta de 1200 a.C. muitos desses assentamentos foram destruídos e abandonados; a sua reconstrução está ligada a um grande afluxo de cerâmica micênica IIC:1b. Esse estilo cerâmico foi encontrado pela primeira vez em Enkomi e Sinda, também ocorrendo em Kition, Hala Sultan Tekke, Athienou, Maa-Palaeokastro e Kouklia. Caracterizava-se por motivos e formas distintos daqueles usados anteriormente.

Todos os assentamentos em Chipre onde essa cerâmica aparece foram destruídos, tendo essa categoria cerâmica aparecido durante a reconstrução. Isso é nítido em Enkomi, Kition, Maa-Palaeokastro e Sinda onde, além da cerâmica, aparecem construções no chamado "estilo ciclópico", característico dos micênios.

Para a corrente contrária à colonização aquéia esse estilo micênico em Chipre significa, não uma colonização mas uma definida orientação para o oeste com um papel de destaque no raio de influência comercial micênica. Durante a Idade do Bronze Antigo Chipre estava voltada para o Oriente, mais precisamente, Palestina, Anatólia, Síria e Vale do Nilo, presença essa marcada pela grande quantidade de cerâmica cipriota encontrada nessas regiões. Num segundo momento, determinado no final da Idade do Bronze Médio, Chipre passa a ter contato com o Egeu através de Creta num relacionamento comercial onde Chipre fornece matéria-prima (o cobre) e Creta fornece manufaturados de luxo e cerâmica de qualidade. Já na Idade do Bronze Recente, com o crescimento da civilização micênica, as rotas comerciais no Egeu definem-se e atestam o grande contato com Chipre que se desenvolveu culturalmente. O que ocorria era então um condomínio e não uma colonização.

A principal crítica dos autores que apóiam a presença aquéia em Chipre é referente à noção de "colonização" da corrente contrária, como já foi dito anteriormente. Essa última entende colonização com o mesmo sentido empregado nas colônias da Grécia histórica onde existe uma grande carga política. Para a

corrente favorável, o assentamento não implica necessariamente um ato político, principalmente no que diz respeito à relação micênios/Chipre, referida acima como condomínio. A grande escala comercial mantida entre Chipre e o Egeu exigiria obrigatoriamente uma presença mais ou menos permanente de micênios na ilha, nem que fosse somente para fiscalizar seu comércio nessa região. É destacado, ainda, que a ausência de edifícios tipicamente micênios não seria um argumento decisivo já que podemos observar que em Rodes não são encontradas casas ou *tholoi* micênicas, mas a presença aquéla não pode ser contestada; também o fato que Chipre já possuía uma tradição arquitetônica forte principalmente em cidades como Enkomi, as quais podem ter absorvido os grupos de novos habitantes não deixando transparecer o impacto entre as duas culturas. Só notaremos assentamentos micênicos, como aqueles do continente grego, após o século XIII a.C..

Contudo desde o século XIV a.C. é percebida uma grande quantidade de cerâmica micênica (Figura 2); durante o Heládico Recente IIIa2 (1375-1320 a.C.) o percebemos em Enkomi e Kouklia. No final do IIIb (1250-1200 a.C.) começa a fabricação do assim chamado Estilo Rude o qual baseia-se na fabricação local de protótipos micênicos. São sugeridas três hipóteses para essa fabricação local: primeiro, a cerâmica micênica era tão apreciada que passou a ser produzida localmente em Chipre; em segundo lugar, que um número suficiente de micênios tivessem se estabelecido na ilha para produzir sua própria cerâmica; em terceiro, seria a comunicação com o continente grego, seja por convulsões internas entre os micênios ou mesmo por algum motivo que impedisse o trânsito marítimo entre a Grécia continental e Chipre, os exemplares tão apreciados não chegassem mais à ilha.

O Estilo Rude comprovou ser um estilo novo, originário de Chipre e criado para substituir o Estilo Micênico IIIb já usado há 100 anos na ilha. Sua principal característica é a liberdade do desenho, e suas formas levam a crer que tenha sido criado por ceramistas aqueus residentes em Chipre e conhecedores da tradição cerâmica micênica (Figura 3). Desde o século XV a.C. a presença da cerâmica micênica é atestada em Chipre, Egito e Palestina. Sua quantidade é limitada, o que leva a crer que são resultado de trocas comerciais; o mesmo já havia acontecido três séculos antes em Chipre e Ras Shamra, na Síria, com vasos do Minóico Médio. No século XIV a.C. a situação muda e começa a aparecer tão grande quantidade de cerâmica micênica, que só podemos falar em aporte comercial se fosse um comércio especificamente cerâmico. Já no século XIII a.C. podemos usar como exemplo um túmulo de Sarepta no Líbano, o qual produziu 67 vasos dos quais 34 eram micênicos; os túmulos desse período, em Enkomi produziram mais crateras e ânforas micênicas de estilo IIIa:1-2 que todos os sítios da Grécia continental juntos. Isso demonstra o nível não só de aceitação mas a utilização em massa desses tipos cerâmicos.

A situação que foi apresentada até agora pode fornecer o seguinte quadro: Chipre durante a Idade do Bronze Médio estava voltada para o Mediterrâneo Oriental, mantendo relações comerciais claras, num primeiro momento, com Palestina, Anatólia, Síria e Egito. No final desse período, com o crescimento do comércio no Mediterrâneo Ocidental, dominado pelos minóicos, estes também passaram a utilizar Chipre para contatos com o Mediterrâneo Oriental. Na Idade do Bronze Recente, floresce no continente grego a civilização micênica, a princípio



mantendo estreitas relações comerciais com Creta, através de quem manteve os primeiros contatos com artefatos de luxo orientais. A intermediação nesse comércio, controlando as rotas terrestres entre o Golfo de Argos e o interior do continente através do istmo é tida como uma das causas do enriquecimento de Micenas e possivelmente originou a sociedade que formou a civilização micênica. Com a queda dos palácios minóicos em Creta, os micênios passam a controlar suas rotas comerciais, ampliando-as para oeste e incrementando-as a leste. Isso se comprova através das colônias e entrepostos micênicos nas Cíclades e no Dodecaneso. Nesse contexto Chipre passa a intermediar um comércio em grande escala entre o Oriente e o Ocidente, destacando ainda o fato de Chipre fornecer cobre em lingotes para o continente grego. Com a queda de Creta e o desvio do eixo comercial para o continente grego há uma ocidentalização desse comércio.

Chipre possuía uma tradição cerâmica muito forte com exportações comprovadas para o Oriente, principalmente Palestina. Ora, não haveria de importar grandes quantidades de cerâmica. Tais importações só caberiam se houvesse um apreço muito grande por ela a ponto de se desprezar a local, o que não ocorreu; se as formas fossem muito diferentes quanto ao aspecto funcional o que também não ocorre; que fossem resultado de um comércio de secos e molhados como grãos ou líquidos, o que é pouco provável já que todas as formas de recipientes são abertas; ou por último e mais plausível, se houvessem micênios em número suficiente que preferissem usar os recipientes que estavam acostumados àqueles produzidos localmente em Chipre. Se havia micênios em tal quantidade o fato de terem deixado traços mais marcantes como elementos arquitetônicos e túmulos não parece ser condição para seu estabelecimento. A assimilação de costumes locais por parte de imigrantes é um fato antropologicamente explicável e depende, em grande parte, do caráter permanente ou não dessa estada, bem como do nível de desenvolvimento da cultura local.

O problema reside especificamente no fato de não ter havido por parte dos micênios uma imposição ou mesmo importação de seus costumes para Chipre. Podemos comparar a presença aquéia na ilha com a época dos círculos tumulares em Micenas. Neste período inicial da civilização micênica, que abrange o período entre 1600 e 1500 a.C., notamos a existência de um forte contato entre o continente grego e Creta. A influência pode ser notada na ourivesaria, nos entalhes em marfim, na cerâmica local e importada da própria ilha. Sendo este o período de formação da cultura micênica uma das hipóteses mais aceitas entre os micenólogos é a que sugere a importação de artesãos minóicos, trazidos ao continente para produzir objetos de luxo. Mesmo o intenso contato comercial com Creta, num período de domínio comercial cretense, nos leva a crer que cretenses tenham se estabelecido no continente para administrar tais relações. Apesar disso, a cultura micênica desenvolveu seu caráter individual, diferenciando-se da cultura minóica. Neste período os palácios micênicos já apresentam suas características próprias e não revelam nenhuma influência minóica em sua arquitetura; não encontramos também túmulos ou habitações de tipo cretense. Enfim tais aspectos não são comprobatórios se falarmos de estabelecimento em lugar de colonização. Não falamos de dominação mas sim de convívio, de trocas, de relações, não só comerciais mas também culturais, o que leva necessariamente a um progresso cultural de ambos os lados, mantendo, cada um, sua individualidade.

---

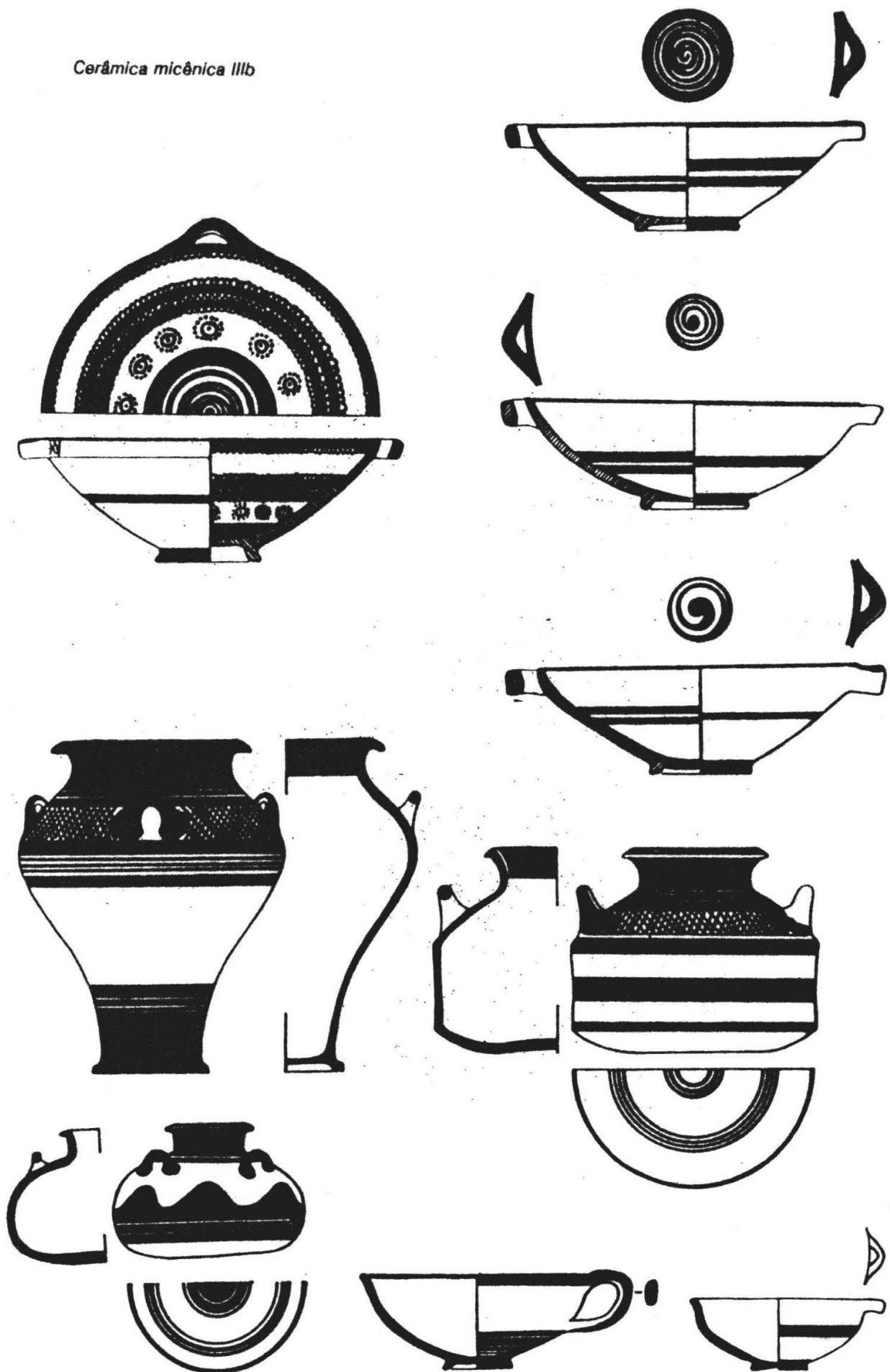
**ABSTRACT:** *This paper shows an ancient discussion in Cyprus studies: the foundation or not of Mycenaean colonies in the island. It will describe the antagonistic positions and opposite lines in showing the records that each line uses to affirm its position. At the end, it will try to make this discussion more clear.*

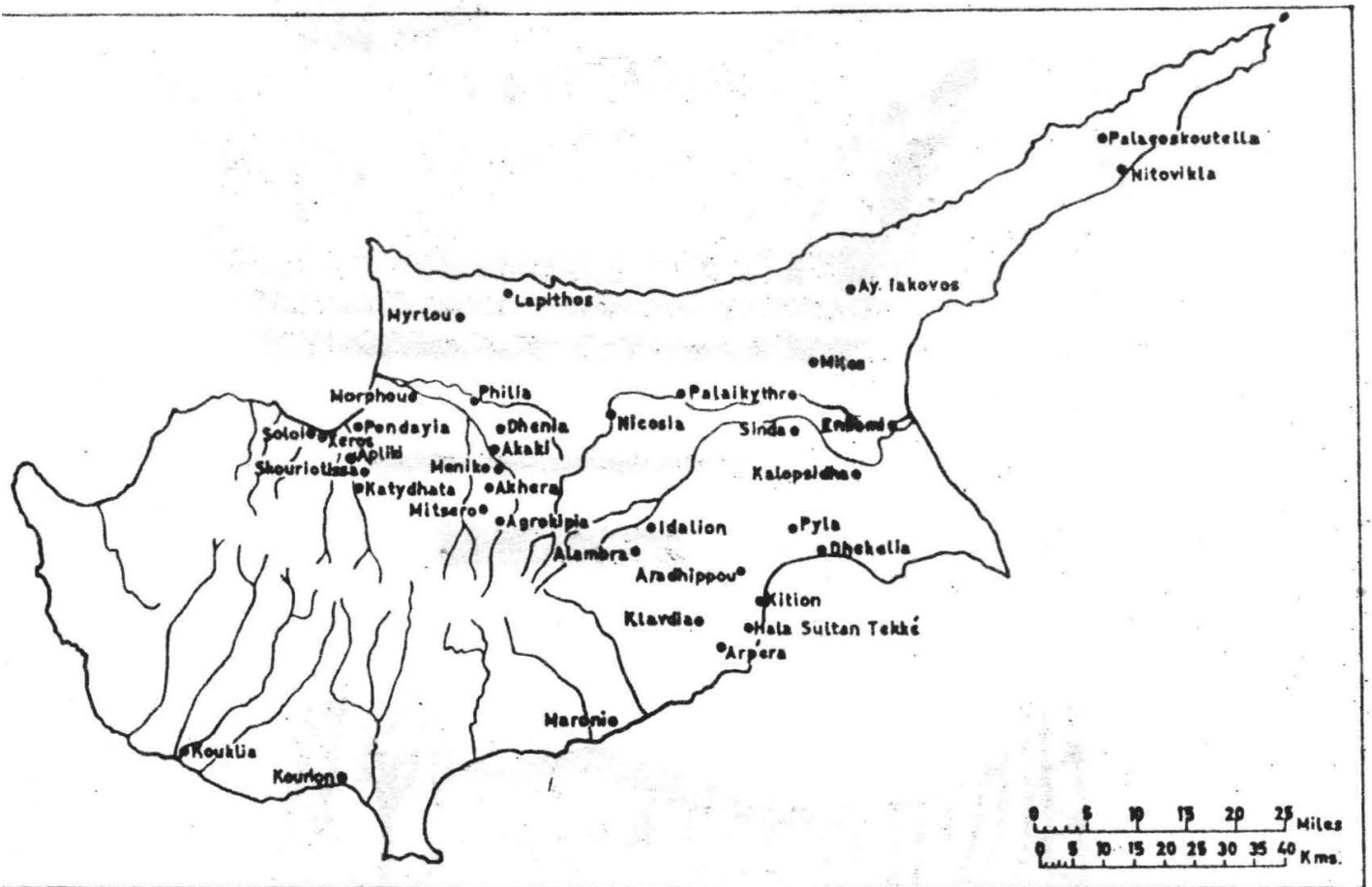
---

#### BIBLIOGRAFIA

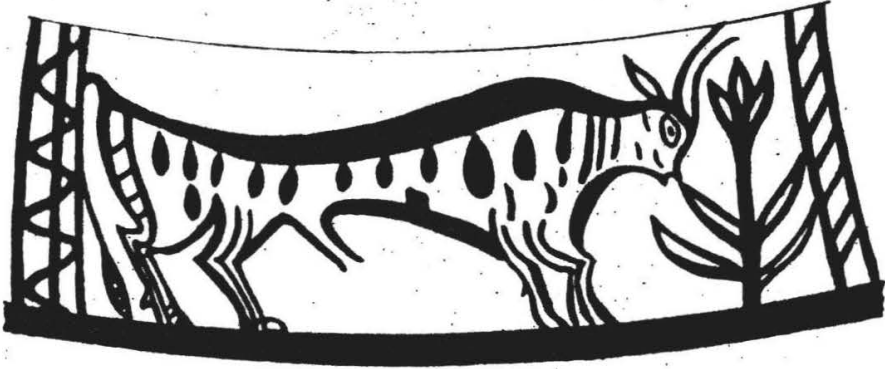
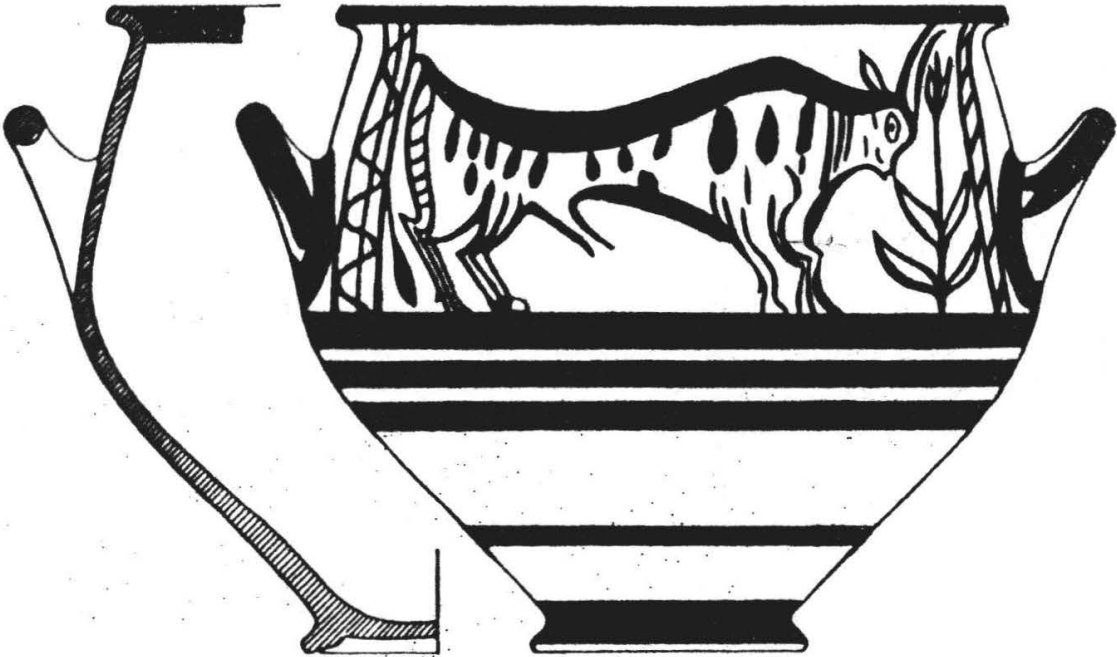
- DESBOROUGH, V. R. d'A.** *The Last Mycenaean and their Successors.* Oxford: Clarendon Press, 1964.
- GJERSTAD, E.** *Studies on Prehistoric Cyprus.* Upsala, 1926.
- HOOKE, J. T.** Minoan and Mycenaean settlement in Cyprus: a note.
- HOOKE, J. T.** *Mycenaean Greece.* Londres: Routledge & Kegan Paul, 1976.
- KARAGEORGHIS, V.** *Nouveaux documents pour l'étude du Bronze Récent à Chypre,* Paris: 1965.
- KARAGEORGHIS, V.** New light on late bronze age Cyprus. In: **KARAGEORGHIS, V. e MUHLY, J. D.** *Cyprus at the close of the late bronze age.* Nicosia: Zavallis, 1984, p. 19-22.
- KLING, B.** Mycenaean III C:1b Pottery in Cyprus: principal characteristics and historical context. In: **KARAGEORGHIS, V. e MUHLY, J. D.** *Cyprus at the close of the late bronze age.* Nicosia: Zavallis, 1984, p. 29-38.
- MUHLY, J. D.** The role of the Sea People in Cyprus during the LCIII Period. In: **KARAGEORGHIS, V. e MUHLY, J. D.** *Cyprus at the close of the late bronze age.* Nicosia: Zavallis, 1984, p. 39-55.
- SJÖQVIST, E.** *Problems of the late Cypriot Bronze Age.* Stocolmo, 1940.
- TREUIL, R., DARCQUE, P., POURSAT, J.-C., TOUCHAIS, G.** *Les civilisations égéennes du Néolithique et de l'Age du Bronze (Nouvelle Clio 1 ter).* Paris: Presses Univers. de France, 1989.

*Cerâmica micênica IIIb*





*Estilo Rude*



cm.